

Um cavaleiro do humanismo (*)

Gilberto Chateaubriand

Quando a Faculdade de Direito Cândido Mendes presta hoje uma homenagem ao jurista Heleno Fragoso, que morreu ainda na idade de prestar relevantes serviços a este novo tempo brasileiro, do qual foi, sem dúvida nenhuma, um dos seus mais corajosos parteiros, não posso deixar de pensar - e até onde vão minhas lembranças - do menino que ele foi quando estávamos com os nossos 12 anos e brincávamos pela rua Visconde Silva em Botafogo.

Uma imagem afixa-se em minha lembrança: a de Heleno Fragoso sentado na soleira de um casarão, contemplando nossas brincadeiras. Já estava ali o homem introspectivo, carregado por uma leve tristeza. Heleno, criança de saúde frágil, não podia participar das brincadeiras que Medrado Dias, Jardel Filho e o hoje ilustre nefrologista José Augusto Barbosa de Aguiar e eu inventávamos.

A fragilidade física o impedia. Fragilidade que pode ter marcado sua personalidade adulta. Muitos o consideravam um homem extremamente contido, mas nós sabemos o quanto foi apaixonado em sua luta em defesa dos Direitos Humanos, quando estes foram extirpados, pelo arbítrio, do cotidiano da vida nacional.

E mais: este homem de humor voltaireano, fidalgo e cavaleiro do Humanismo, no sentido mais nobre que esta expressão possa ter, desmanchava-se por dentro. Debaixo da aparente frieza, habitava calor humano. Que o falem dele os presos políticos que Heleno defendeu e que puderam saber com que mistura de paixão e rigor ele pulverizava as inócuas acusações dirigidas aos seus perseguidos. De Heleno podia-se dizer que ele amava os homens talvez por admitir que eram como ele - em princípio justos.

Quando publicou **Advocacia da Liberdade**, nenhuma vaidade o movia, mas apenas o fato que nos legava, com seu estilo sóbrio e suas impecáveis argumentações, o exemplo de que a justiça poderia ser algo racional feita para homens capazes de serem filhos da Razão e não da violência. Quando escreve, por exemplo, sobre a defesa do editor Ênio Silveira, do escritor Caio Prado Júnior, da jornalista Niomar Muniz Sodré Bittencourt ou este candente libelo que foi a defesa de um morto como Stuart Angel Jones, desaparecido em 10 de maio de 1971, somos surpreendidos pela intacta lógica de sua argumentação, mas também pela paixão serena que movia o céu e as estrelas. E volto a recordar este menino franzino sentado na soleira de um casarão vendo outras crianças brincarem, paralisado por um corpo frágil que o detinha. Saberia ele que o seu destino seria o de, um dia, estancar a injustiça?

Numa entrevista, Heleno comentava que tivera uma infância e uma adolescência muito duras. O pai morreu quando Heleno estava com dois anos e aos 13 já

trabalhava como entregador de roupas para uma alfaiataria. Não posso esquecer que este menino pobre e que seria uma glória para o Direito brasileiro ("o maior penalista brasileiro da atualidade", no dizer de Evandro Lins e Silva), tinha o amparo de uma mulher inesquecível como D. Felícia Ayres Fragoso, sua mãe.

Ela, com seu carinho e obstinação heróica, pôde educar os seus três filhos, lutando contra inúmeras dificuldades. E como esquecer o refúgio - o nosso "asilo político" da infância - que era a sua casa, quanto então servia de Juíza de Paz nas desavenças entre nós e nossos pais. Com que habilidade ela podia reconciliar as partes em conflito e às vezes imagino - como uma forma de gracejo - se não nasceu ali, vendo a atitude de sua mãe, a vocação de Heleno.

Mais tarde, em 1968, fui seu cliente e depois em 1981 e pude, na prática, constatar o excelente profissional que ele foi, herança que passa para os seus dois filhos, José Carlos e Fernando. Herança maior nos deixa este silencioso cavaleiro do Humanismo, este homem cheio de coragem que acusava, na época mais obscura da nossa vida política, a "paz de cemitério", que então reinava.

Heleno nos deixou o legado de uma vida exemplar. Enquanto no Brasil existirem homens como ele, nós podemos cultivar a certeza da existência de uma dignidade que ultrapassa o efeito que a idéia de justiça pressupõe, que é a de tornar os homens mais próximos do que é Justo.

(*) Publicado no *Jornal do Brasil*, edição de 11.06.1985, seção Opinião, 1.º caderno, p. 11